

Rituum forma

A teologia dos sacramentos à luz da ação ritual

Coleção **ACADEMIA LITÚRGICA**

- *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*, Washington da Silva Paranhos
- *Para além de Pio V: a reforma litúrgica após a Traditionis Custodes*, Andrea Grillo
- *A sacramentalidade da Palavra de Deus: uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição Sacrosanctum Concilium*, André Luiz Benedito
- *Teologia sacramental: temas e questões*, Mario Florio
- *Rituum forma: a teologia dos sacramentos à luz da ação ritual*, Loris Della Pietra

Loris Della Pietra

Rituum forma

A teologia dos sacramentos à luz da ação ritual

Apresentação:

Andrea Grillo

Tradução:

Damásio Medeiros



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Rituum Forma: La Teologia dei Sacramenti alla prova della forma rituale*

© 2012 by P.P.F.M.C MESSAGGERO DI S. ANTONIO - EDITRICE

Basilica del Santo - Via Orto Botanico, 11 - 35123 Padova

www.edizionimessaggero.it

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Coordenação editorial

Pedro Luiz Amorim Pereira

Assistente editorial

Cristiane Barbosa Cardoso

Coordenação de revisão

Tiago José Risi Leme

Preparação do original

Luciana Mourão Maio

Coordenação de design

Elisa Zuigeber

Capa e diagramação

Leonardo Cerretti

Projeto gráfico

Paulo Cavalcante

Impressão e acabamento

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pietra, Loris Della

Rituum forma : a teologia dos sacramentos à luz da ação ritual / Loris Della Pietra ;

tradução de Damásio Medeiros. - São Paulo : Paulus, 2024.

(Coleção Academia Litúrgica)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5356-6

Título original: *Rituum Forma: La Teologia dei Sacramenti alla prova della forma rituale*

1. Teologia 2. Sacramentos 3. Eucaristia 4. Cristianismo

I. Título II. Medeiros, Damácio III. Série

24-0423

CDD 230.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia

1ª edição, 2024



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5356-6

Para a minha família,
com a qual aprendi a forma de viver.
Para minha terra e minha Igreja,
onde a fé foi revestida de formas
peculiares e originais.
Aos amigos que, *multifariam multisque modis*,
ao longo deste caminho,
me apoiaram, ajudaram,
encorajaram e acompanharam.

SUMÁRIO

A FORMA DO RITO E O TEMPO QUE PASSA	9
APRESENTAÇÃO - <i>Andrea Grillo</i>	15
APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA - <i>Andrea Grillo</i>	19
ABREVIATÖES.....	25
INTRODUÇÃO: A MUDANÇA DO CONCEITO DE FORMA COMO NOVA ABORDAGEM PARA O SACRAMENTO	27
Capítulo 1 - O CRITÉRIO HERMENÊUTICO	45
1. A teoria da forma em Wladislaw Tatarkiewicz	46
2. As resistências à compreensão do significado teológico da forma litúrgica em Hans Urs von Balthasar	55
3. Vantagens e perspectivas do critério	65
 PRIMEIRA PARTE	
Capítulo 2 - A ORIGEM DA QUESTÃO DA FORMA NO DEBATE DO MOVIMENTO LITÚRGICO	77
1. A questão litúrgica como questão de forma	77
2. Romano Guardini e a ceia como forma fundamental	81
3. Joseph Andreas Jungmann e a “Eucaristia” como forma da missa	116
4. A leitura de um antigo debate em Joseph Ratzinger	140
5. Uma forma necessária para uma nova abordagem do sacramento.....	168
 Capítulo 3 - ACEPÇÕES SOBRE A FORMA NO CONTEXTO DA TEOLOGIA DOS SACRAMENTOS	187
1. A união do <i>verbum</i> com o <i>elementum</i> em Agostinho: a primazia da palavra sobre a realidade visível	188
2. Matéria e forma em Tomás de Aquino: a reavaliação do sensível e sua distinção da causa eficiente.....	214
3. Ação ritual e linguagem simbólica: o repensar da categoria “forma” a partir do Movimento litúrgico.....	238

SEGUNDA PARTE

Capítulo 4 - O CONCEITO DE FORMA

NA TEOLOGIA LITÚRGICO-SACRAMENTÁRIA 273

1. A forma pressuposta e removida
na abordagem clássica da liturgia cristã 275
2. Entre a remoção teológica
e a sobre-determinação antropológica da forma ritual 298
3. Solicitações filosóficas e antropológicas
ao tema da participação na forma 302
4. Romano Guardini e a liturgia como "forma de vida" 354
5. Odo Casel e o pensamento total
como competência simbólico-ritual 374
6. Teologia sacramental atual: temas e vozes
para uma nova consideração da forma 389

Capítulo 5 - A "RE-FORMA" LITÚRGICA DO CONCÍLIO VATICANO II.

REPENSAR A FORMA PARA UMA NOVA INTELIGÊNCIA

DO SACRAMENTO 417

1. Reforma dos ritos e perda da reflexão sobre a forma
a partir dos anos 1940 419
2. A razão subjacente da reforma litúrgica:
a participação ativa no mistério "per ritus et preces" 443
3. A qualidade da forma da liturgia
como ponto de partida para qualquer reforma 466
4. Os critérios inspiradores da reforma litúrgica
entre compreensão e participação 474
5. A celebração eucarística: uma *rituum forma* complexa
e excessiva em vista da plena eficácia pastoral do sacramento 487
6. Um novo desafio: recuperar a capacidade
da forma litúrgica como fonte da vida cristã 501

CONCLUSÃO 517

BIBLIOGRAFIA 533

A FORMA DO RITO E O TEMPO QUE PASSA

*O que o trabalho litúrgico precisa é de tempo.
Há muito o que fazer, e as tarefas são difíceis.
Para que haja progresso, são necessários grandes
conhecimentos teóricos e grande experiência prática.¹*

Voltar a um texto, depois de mais de dez anos de ter sido concebido e publicado, é um desafio de grande importância, até mesmo para o autor. Porque um livro não é apenas fruto de uma pesquisa séria e apaixonada, que se poderia declarar autosuficiente, mas também pode tornar-se uma semente promissora semeada no solo do pensamento teológico e da vida eclesial.

A partir das primeiras décadas do século passado, raciocinar em termos de forma em relação ao culto cristão e aos sacramentos não é mais prerrogativa dos cerimonialistas, e a forma não é mais um “fantasma” para aqueles que temem o retorno a uma rubrica que desejam desesperadamente ser desatualizada.

No entanto, a renovada atenção à forma ritual, já demonstrada por alguns autores do Movimento Litúrgico Clássico, e que encontrou uma clara explicitação magistral na reforma conciliar, logo foi deturpada. Quase parecia que a recepção dos princípios do Vaticano II era incompatível com os ritos e que, para estar à altura da sua novidade, fosse necessário absolutamente censurar a dimensão ritual da liturgia cristã. As primeiras décadas de recepção da reforma litúrgica, de fato, registraram uma mudança decisiva na questão em

¹ R. GUARDINI, *Lettre à S. Exc. Mgr. l'évêque de Mayence*, “La Maison-Dieu” 3 (1945), p. 20.

termos racionalistas e moralistas: era preciso derivar significados e comportamentos da forma celebrativa.

Em oposição a esta forma de pensar e tratar a celebração, a recuperação da noção de forma e, sobretudo, o aprofundamento no âmbito antropológico-cultural e filosófico, juntamente com o contributo das melhores aquisições da teologia contemporânea, permitiram compreender a celebração como dado originário e originante, fonte de experiência religiosa para o homem que a ela adere plenamente.

Parece-me que há duas aquisições fundamentais dessa redescoberta da forma. Antes de tudo, um pensamento litúrgico que não tem medo de fazer teologia a partir do rito e sabe que está fazendo teologia autêntica justamente porque olha de frente o rito. Agora é possível tratar da Eucaristia ou do batismo ou das exéquias não simplesmente expondo os significados dos vários ritos ou os conteúdos obtidos da análise da eucologia e deixando os aspectos rituais a indicações disciplinares. O “como” da liturgia foi claramente entendido como parte integrante e necessária do “o que” a liturgia celebra. Pode-se dizer, usando uma linguagem típica da teologia clássica, que o que era considerado *ad sollemnitatem* tornou-se *de necessitate*.

Se Guardini e Jungmann ousaram escrever sobre a celebração eucarística considerando, sobretudo, as “formas fundamentais” da refeição e da anáfora, isso significa que esta operação é possível para qualquer outra estrutura ritual. Por essa razão, os liturgistas de hoje precisam de outras habilidades, antigas e novas, para saber ler não apenas os textos ou as *praenotanda*, mas o que se torna vivo e vivenciável na ação. Ultrapassar a forma significa abdicar da tarefa primordial de todo estudioso da liturgia, que é o aprofundamento da celebração como tal, da sua doação e das potencialidades escondidas nas dobras da ação com a consciência de que a

forma ritual faz mediação e experiência do encontro da graça e coloca o sujeito humano em contato vivo com o mistério.

Em segundo lugar, aumentou consideravelmente a consciência de que a celebração não ocorre por si só, antes se torna ineficaz se suas regras e sua sintaxe não forem respeitadas. A *ars celebrandi*, timidamente mencionada em algum raro documento magistral, tornou-se finalmente objeto de estudo, e cada vez mais é perseguida com cuidado na prática celebrativa.

Percebemos que o simples ressentimento pelos abusos não teria ajudado muito se não fosse acompanhado de um novo sentimento pela forma, um afeto que não se limitasse a alguma maquiagem estética, mas visasse a uma competência celebrativa em todos os lugares, sempre em diálogo com os *ordines* e sempre empenhados em que uma verdadeira assembleia pudesse celebrar com autenticidade. Nesta direção, muitos esforços foram feitos, inicialmente no campo teórico, para entender que a liturgia não é apenas um texto e que todo texto, quando é cantado ou proclamado, se torna ação da fala, do canto e depois até do silêncio. Nenhuma *ars celebrandi* pode se dar ao luxo de ignorar a relação fecunda entre o verbal e o não verbal e, sobretudo, a qualidade não verbal do verbal, pois, no ritual, a palavra não é mero instrumento, mas uma forma viva.

Esse avanço teórico e prático só pode ter repercussões significativas também no âmbito espiritual. Se é verdade que a percepção da forma ritual não visa simplesmente à tomada de consciência de um significado, nem corresponde à intuição de uma essência mínima graças a um esforço da alma, pois todo o sujeito (indivíduo e comunidade) está envolvido na participação no mistério *per ritus et preces*, isso ajuda a derrubar o muro de separação entre interioridade e exterioridade, entre dentro e fora, entre corpo e espírito. O que acontece na celebração, graças ao envolvimento do corpo, é uma vivência de

uma religiosidade complexa e completa, onde o espiritual é dito e dado pelo corporal e onde o íntimo não teme o exterior, mas é garantido por ele. Como a materialidade de uma ceia, uma oração de ação de graças ou um banho de água renova a participação no mistério pascal de Cristo.

“A liturgia é vida e não uma ideia a ser compreendida. Na verdade, leva a uma experiência iniciática, ou seja, transformadora do próprio modo de pensar e agir, e não a enriquecer a própria bagagem de ideias sobre Deus”. Assim disse Francisco, o papa que veio do “fim do mundo”, aos participantes da 68ª Semana Litúrgica Nacional Italiana (24 de agosto de 2017).

Esta “vitalidade” da liturgia, que impede qualquer interpretação racionalista do culto cristão, é encerrada e tornada acessível na forma ritual. Uma forma feita de interrupções e passagens, dinamismos e pausas, ações e “paixões” e, por isso, delicada e nunca redutível a “essências” prévias e abstratas. Uma forma que, se devidamente promovida e valorizada, permite ao crente afastar-se de qualquer atitude de mera assistência para ser protagonista com Deus no seu mistério de salvação, mistério que toca os corpos e os corações e por isso os transforma.

De vez em quando, lemos reclamações mais ou menos justificadas sobre as dificuldades da reforma conciliar, tanto por parte dos que a apoiam como dos que se opõem a ela. Romano Guardini já afirmava, em 1940, que a causa litúrgica precisa de tempo. Depois dos começos confiantes, graças às intuições dos pioneiros e dos anos empolgantes do “Consilium” com os trabalhos de implantação do projeto de reforma, agora é a vez daquele “conhecimento teórico” e daquela “grande experiência prática” que o mestre de Quickborn profetizou: não um sem o outro, para honrar não apenas as melhores instâncias de reflexão litúrgica do século passado, mas, sobretudo, a *rituum forma* e seus recursos.

Uma “tarefa árdua”, de modo algum tomada como certa ou improvisada, que espera ser enfrentada com diligência e dedicação, para que, de ambos os lados do oceano, homens e mulheres ainda possam se aquecer no fogo da celebração litúrgica e essa possa permanecer uma fonte de vida cristã.

Loris Della Pietra

Pádua, 20 de fevereiro de 2023

APRESENTAÇÃO

Em poucas palavras: tratava-se de resgatar o conceito de forma de uma espécie de cativo cultural e teológico. O conceito latino de “forma”, de fato, tinha, no seu tempo, unificado em uma única palavra os termos gregos *morphé* e *eidos*. O primeiro com o sentido de “forma externa”, o segundo com o sentido de “ideia, essência”; o primeiro evocando a exterioridade mais visível, o segundo a interioridade mais invisível. É evidente que, quando a mesma palavra diz coisas tão diferentes, as questões teóricas que se concentram em torno dela se tornam tanto mais complexas quanto mais urgentes.

Precisamente por isso, há muito esperávamos que um autor tratasse seriamente sobre a noção de forma na teologia litúrgica e sacramental contemporânea. Agora que o trabalho está feito e aqui assume a forma de um livro, devemos, antes de tudo, honrar as razões de uma tríplice questão, que finalmente encontra aqui uma resposta articulada.

Antes de tudo, precisávamos refletir, no âmbito litúrgico, sobre o significado da forma, sem cair nas armadilhas já preparadas – sem nenhuma culpa – pela longa e eficaz tradição sacramental. Romano Guardini, em 1921, já havia compreendido tal situação, destacando a inevitável tensão entre uma ciência litúrgica histórica e uma ciência litúrgica sistemática. A primeira diz o que foi a liturgia, mas a segunda diz o que deve ser. Se é verdade que a noção de forma esconde, de fato, uma das descobertas mais surpreendentes de toda aquela série de autores, que identificamos como “Movimento litúrgico”, então é evidente como, na longa consideração que a teologia litúrgica dedicou ao perfil